

Gramática e cognição: uma análise dos verbos *chegar*, *querer* e *resolver*

*Grammar and cognition:
an analysis of verbs chegar,
querer and resolver*

Ediene Pena FERREIRA (UFOPA)
ediene.ferreira@ufopa.edu.br

Recebido em: 14 de maio de 2018.
Aceito em: 18 de jun. de 2018.

FERREIRA, Ediene Pena. Gramática e cognição: uma análise dos verbos *chegar*, *querer* e *resolver*. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 63-78, set. 2018.

Resumo: Esta pesquisa, de cunho funcionalista, tem por objetivo investigar a abstratização dos usos dos verbos *chegar*, *querer* e *resolver*, considerando que, na formação da gramática, atuam fatores de ordem comunicativa e cognitiva, como metáfora e metonímia. Utilizando pressupostos teórico-metodológicos do funcionalismo de vertente norte-americana e dados do *Corpus* de Textos Oraís do Português Santareno – CTOPS, observamos que os verbos *chegar*, *querer* e *resolver* apresentam, respectivamente, a seguinte escala de abstratização: Deslocamento *espacial* (*físico real* → *deslocamento físico virtual*) → *deslocamento temporal* → *indicação de limite numérico* → *indicação de ideia* → *conjunção*; Desejar → ter vontade → julgar → valor iminencial → valor inceptivo; *Solucionar* → *mudança de estado com sujeito [+animado]* → *mudança de estado com sujeito [-animado]*. Essa escalaridade nos faz concluir que a estrutura gramatical é organizada por meio de mecanismos cognitivos e que nos expressamos por meio de transferência de domínios mais concretos de nossas experiências para domínios mais abstratos.

Palavras-chave: Gramática. Cognição. Abstratização.

Abstract: This functionalist perspective research investigates the abstraction of the uses of verbs *chegar*, *querer* and *resolver*, considering that communicative and cognitive factors, such as metaphor and metonymy, interfere in grammar formation. Using data from the Corpus de Textos Oraís do Português Santarém (Corpus of Oral Texts the Portuguese spoken in Santarém) – CTOPS, we observe that the verbs *chegar*, *querer* and *resolver* present, respectively, the following scale of abstraction: Spatial displacement (real physical → virtual physical displacement) → temporal displacement → indication of numerical limit → indication of idea → conjunction; Desire to be willing → to judgment → imminent value to inceptive value; Solve to the change of state with subject [+ animated] → state change with subject [- animated]. This scalarity leads us to conclude that grammatical structure is organized through cognitive mechanisms and that we express ourselves by transferring more concrete domains from our experiences to more abstract ones.

Keywords: Grammar. Cognition. Abstraction.

Entrando em cena

Ao considerar o uso da língua em contextos reais de comunicação, o funcionalismo traz à cena dos estudos linguísticos atores esquecidos no chamado paradigma formalista da linguagem. Especial destaque é dado a fenômenos como variação e mudança que caracterizam a dinâmica das línguas.

Além disso, a concepção de gramática como emergente (HOPPER, 1987), motivada por fatores de ordem cognitiva e comunicativa, dá protagonismo aos processos de metáfora e metonímia, como elementos importantes na formação da gramática.

Essa concepção de gramática, que Martelotta (2008) prefere chamar de cognitivo-funcional, embasa este trabalho cujo objetivo é apresentar escalas de abstratização dos verbos *chegar*, *querer*, *resolver*, mostrando a correlação entre gramática e cognição.

Obedecendo à metodologia utilizada em trabalhos de orientação funcionalista, serviram de *corpus* usos reais da língua retirados do *Corpus de Textos Oraís do Português Santarém – CTOPS*, organizado por Pena-Ferreira e Lima-Gomes (2010), para investigação dos verbos *querer* e *resolver*. Foi constituído banco de dados com 80 ocorrências, 50 do verbo *querer* e 30 do verbo *resolver*. Para análise dos usos do verbo *chegar*, foram retiradas 50 ocorrências do *corpus* utilizado por Pena-Ferreira (2007).

Apresentamos, nas seções seguintes, conceitos importantes para compreensão de nossa análise, bem como nossa proposta de escala de abstratização dos verbos escolhidos como objeto de estudo.

Descortinando conceitos

Para o funcionalismo, gramática é um sistema formado pelas regularidades resultantes das pressões de uso. Isso significa que a situação comunicativa é a responsável pela estrutura gramatical, sendo, portanto, impossível descartar o uso ao se estudar a gramática. Segundo esse modelo, a estrutura serve a funções comunicativas e cognitivas. Comunicativas porque o discurso molda a gramática, e cognitivas porque a nossa mente interfere no modo como processamos as informações. Por essa concepção, a linguagem não é vista como modular, como acreditavam os gerativistas, mas é considerada parte integrante da cognição, e os processos cognitivos, sócio-interacionais e culturais fundamentam a linguagem, que deve ser estudada “no seu uso e no contexto da conceptualização, da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural” (SILVA, 2004, p. 55).

A esse tipo de gramática, Martelotta (2008, p.62) prefere chamar de gramática *cognitivo-funcional*, nome que nos parece bastante apropriado para nosso propósito neste artigo – analisar os usos dos verbos *chegar*, *querer* e *resolver* à luz da relação entre funcionalismo e cognição.

Nos estudos funcionalistas recentes sobre gramática e discurso (GIVÓN, 1995; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; BYBEE, 2003a, 2003b, 2005), encontramos a relação entre gramática e cognição. Para Givón (1995), embora as línguas codifiquem, diferentemente, um mesmo evento, existe uma relação icônica entre o empacotamento cognitivo e o empacotamento gramatical. Há, portanto, no fenômeno linguístico, um componente cognitivo que está por trás do componente gramatical e que representa o conhecimento do falante, como suas competências comunicativa e linguística, e seu conhecimento de mundo (cf. HENGEVELD, 2000, p. 4).

Como a gramática está constantemente sendo criada por força do uso, é comum que morfemas e estruturas gramaticais desapareçam e que outros sejam criados. Na constante formação da gramática, atuam processos cognitivos básicos. Para entendermos como atuam esses processos, precisamos, inicialmente, compreender que os itens lexicais, fonte de itens gramaticais, representam aspectos concretos e básicos das relações do homem com seu ambiente, com forte ênfase ao ambiente espacial e às partes do corpo.

Os conceitos mais abstratos, portanto, estão ligados aos mais concretos. Dessa forma, podemos encontrar as origens das noções gramaticais mais abstratas em conceitos mais concretos, físicos, que envolvem movimento e orientação do corpo humano no espaço. As construções gramaticais que expressam noções abstratas, como Tempo, Relações de Caso, Definitude etc, podem ter sido originadas por aspectos básicos da experiência humana.

Quando um verbo seleciona o sujeito, o faz considerando um conjunto de traços definidos semanticamente. Por exemplo, um verbo de ação, como *correr*, tende a selecionar sujeitos com o traço *agetivo*. Essa escolha é feita com base em uma categorização. A categorização é um processo mental de classificação, cujo produto são as categorias cognitivas, ou seja, conceitos mentais armazenados em nossos cérebros (cf. CUENCA; HILFERTY, 1997, p. 32).

O membro que apresenta o maior número de propriedades que caracterizam uma categoria é chamado de protótipo. Produto de nossas representações do mundo, de nossos modelos cognitivos idealizados, o protótipo é o responsável pela classificação de outros membros dessa categoria, considerando o grau de semelhança que tenham com ele (BYBEE, 2003b).

O conceito de protótipo reforça a relação entre gramática e cognição, pois entidades e categorias gramaticais são explicadas levando-se em conta a noção de categorização. Para os cognitivistas, a linguagem é um meio de interpretar e construir o mundo e de organizar conhecimentos que refletem as experiências do homem e das culturas.

Cognição e gramática estão, por essa abordagem, inter-relacionadas, por isso, e para melhorar a compreensão do nosso objeto de estudo, a saber, os verbos *chegar*, *querer* e *resolver*, apresentamos na seção a seguir os processos cognitivos mais atuantes na gramática: a metáfora e a metonímia.

Forças cognitivas entram em cena: metáfora e metonímia

No momento da interação, falante e ouvinte assumem um acordo tácito para que a comunicação seja eficiente, com o máximo de inteligibilidade. Dessa forma, o significado do que é dito e ouvido é negociado pelos usuários da língua nas diversas situações comunicativas. Tanto o falante busca meios para que seu interlocutor compreenda a mensagem, quanto o ouvinte busca meios de interpretá-la.

Essa necessidade comunicativa de ser expressivo e eficiente é responsável pela criação de novas expressões, mas, como não seria viável, do ponto de vista cognitivo, ter uma forma para cada função, é comum que o falante, em vez de criar novas formas, atribua novas funções¹ a formas já existentes, utilizando essas formas com propósitos diferentes e novas significações. Essas novas significações podem implicar mudança na gramática, atuando, portanto, no processo de gramaticalização.

Como forma de exemplificar o que estamos afirmando, apresentamos os usos dos verbos *chegar*, *querer* e *resolver*.

- (1) A voz dela é tão melosa *chega* enjoa.
- (2) Desce daí, menino! Tá *querendo* cair?
- (3) O motor do carro *resolveu* pifar exatamente quando estávamos atrasados pra reunião.

Qualquer falante que tenha a língua portuguesa como sua língua materna, entenderá as construções acima sem questionamentos de seus significados. Mas o estudioso da língua, que é o metafalante, vai perceber que esses usos, embora recorrentes, mostram que esses verbos passaram por uma ampliação semântica necessária para atingir dado propósito comunicativo.

Operando em favor da necessidade comunicativa, os processos cognitivos também têm um papel importante, a ponto de Bybee (2005) afirmar que o desenvolvimento da morfologia é resultado de processos espontâneos por meio de funções semânticas, e que esses processos espontâneos são cognitivos.

Acreditamos que as necessidades comunicativas, que são condições externas à língua e relacionadas às situações de troca linguística, motivam os processos cognitivos que atuam de maneira precípua no processo de gramaticalização, pois, sendo este um tipo especial de mudança linguística, por meio do qual o falante não só cria novas palavras, como estende a função de palavras já existentes, é fácil aceitar que essa extensão de sentido dá-se por meio de mecanismos de mudança diversos, destacando-se aqui a metáfora e a metonímia.

A metáfora é um dos processos amplamente reconhecidos na mudança de significado. Os processos metafóricos são processos de inferência por meio de limites conceituais, e tipicamente referidos em

¹ Utilizamos aqui o termo *função* como sinônimo de significado.

termos de *mapping* ou saltos associativos de um domínio para outro. O *mapping* não é aleatório, mas motivado por analogia e relações icônicas (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Em geral, a metáfora opera como uma transferência de um conceito básico, concreto, para outro mais abstrato.

A linguagem, portanto, é essencialmente metafórica, uma vez que estendemos significados para formas já existentes na língua, por conta de um grau de semelhança entre a coisa e a palavra que a designa. É por isso que se considera a metáfora como uma motivação icônica.

É interessante perceber que as formas em processo de gramaticalização apresentam uma abstratização do significado. Isso ocorre pela força metafórica. A explicação para esta força metafórica está no fato de que o pensamento inicialmente trabalha com conceitos adquiridos pelo contato com o mundo concreto. O sistema conceptual que emerge dessa experiência serve de base para a compreensão de uma realidade mais abstrata que constitui o mundo das ideias (VOTRE, 1996). É a metáfora que nos permite compreender o mundo das ideias em função do mundo concreto, obedecendo à trajetória do [+ Concreto] para o [- Concreto].

Enquanto para muitas pessoas a metáfora é um ornamento retórico, para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora não é vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento ou ação. Mais do que isso, os autores asseguram que nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.

É preciso que se faça a distinção entre metáfora conceptual e metáfora linguística. A primeira é responsável pela organização do nosso modo de representar e categorizar o mundo, ao passo que a segunda é responsável pela representação linguística do processo cognitivo subjacente.

Concebendo a metáfora como um processo cognitivo importante para a compreensão do processamento da linguagem e a construção do sistema gramatical, Heine; Claudi e Hünemeyer (1991) entendem o processo metafórico como unidirecional, que se faz de acordo com a seguinte escala de abstratização crescente:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Todos os elementos dessa escala constituem domínios de conceptualização importantes para expressar as nossas experiências em termos cognitivos. Há, entre eles, uma relação metafórica; qualquer elemento mais à esquerda pode mapear outro à sua direita.

Muitos exemplos de processos metafóricos advêm do desenvolvimento de termos espaçotemporais. Heine; Claudi e Hünнемeyer (1991) apresentam metáforas como ESPAÇO É UM OBJETO, TEMPO É ESPAÇO. Os autores exemplificam com o verbo *go to*, em (04):

(4) *The rain is going to come* ‘A chuva vai chegar’

O exemplo é de uma metáfora, pois *go to*, que denota movimento espacial – concreto – está sendo usado para referir o domínio mais abstrato de tempo dêitico, uma noção gramatical, portanto.

A metonímia, por sua vez, é uma transferência semântica por meio de relação de contiguidade e indexação; aponta para relações no contexto e opera nos constituintes morfossintaticamente independentes.

Assim, a metáfora e a metonímia são mecanismos que influenciam o processo de gramaticalização. Para Traugott e König (1991), a metáfora é responsável pelas marcas de tempo, aspecto, caso; enquanto a metonímia é responsável pela pressão de informação, e pelo surgimento de conectivos.

O que difere um mecanismo do outro é que a metáfora, como vimos, é um processo de abstratização crescente, pelo qual conceitos pertencentes a domínios mais próximos de experiência humana são utilizados para expressar aquilo que se encontra em domínios mais abstratos, e conseqüentemente, mais difíceis de serem definidos. Já a metonímia é um processo de mudança por contiguidade, pelo contato, pela proximidade imediata, no sentido que é gerado pelo contexto sintático.

O termo *metonímia* tem sido utilizado para designar a mudança que sofre uma determinada forma em função do contexto linguístico e pragmático em que está sendo utilizada (cf. MARTELOTTA *et al*, 1996). A contiguidade é posicional ou sintática, pois a mudança ocorre na expressão como um todo.

Como exemplo de metonímia, que é a mudança de sentido desencadeada por itens associados sintaticamente, Castilho (1997) cita o advérbio de inclusão *magis*, que passa a codificar a conjunção, derivada do uso de *mas* em contextos negativos: *magis* > conj. adversativa *mas*.

É importante esclarecer que os processos metafóricos e metonímios não se excluem, são, antes “processos complementares de nível pragmático que resultam de mecanismos duais de reanálise, ligado ao processo cognitivo de metonímia, e analogia, ligado ao processo cognitivo da metáfora” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 87).²

² *In summary, metonymic and metaphorical inferencing are complementary, not mutually exclusive, processes at the pragmatic level that result from the dual mechanisms of reanalysis*

Convém lembrar que a abstratização do uso metafórico e metonímico qualifica um item para a gramaticalização, como é o caso dos verbos analisados aqui, embora não seja nosso propósito analisar o processo de gramaticalização desses verbos, mas nem sempre essa abstratização acarreta gramaticalização. Há inúmeros casos, na língua, em que um domínio mais abstrato não conduz a esse processo, apenas atribui, metaforicamente, um ou vários significados a uma palavra. É o caso, entre inúmeros, da palavra *cabeça*, que pode ser usada, além do sentido literal – parte do corpo, com outros sentidos polissêmicos mais abstratos, como: *o cabeça da turma*; *papo cabeça*. Ocorreu uma abstração do significado, mas não a gramaticalização da palavra. A palavra tornou-se polissêmica, isto é, foram adicionados outros significados a uma única forma, mas esses significados não são de natureza gramatical.

Protagonistas de cena: *chegar, querer e resolver*

Vimos, ao longo deste texto, que os conceitos mais abstratos estão ligados aos mais concretos, e que a noção de prototipia resulta dessa ligação. A extensão de sentidos partindo de noções mais concretas para noções mais abstratas pode ser observada em construções de sentença com os verbos *chegar* (estudado por PENA-FERREIRA, 2007), *querer* (estudado por PENA-FERREIRA, GARCIA; LIMA, 2014) e *resolver*.

Para melhor compreendermos essa escala de abstratização, vejamos o que diz o dicionário de usos (BORBA, 2002) sobre esses verbos:

Usos de *chegar*

CHEGAR: V * [Ação-processo] [compl₁: nome concreto] [±compl₂: de direção] 1. pôr perto; aproximar: Pedi ao visitante que chegasse a cadeira para perto de mim (ALE) ; [Ação] [±compl de lugar] 2 atingir determinado ponto; vir: A muito custo Sophia chegou até a janela (S). Cheguei em casa ainda sob domínio dessas ideias (CCA). [Pronominal] [±compl de direção]. 3 aproximar-se; acercar-se: Cheguei-me a eles (MEC). [Processo] 4 sobrevir: É necessário que a idade chegue para que se compreendam determinadas novidades. 5 iniciar, começar: as chuvas chegaram (S).(…) [compl: a + nome abstrato] 7 atingir determinado ponto ou limite: pelo menos metade das crianças com fibrose cística morria antes dos dois anos, e a outra metade não chegava à adolescência (FOC). (...) [Auxiliar] [~+a+verbo no infinitivo] 14. Indica aspecto conclusivo: o silêncio dela chegou mesmo a angustiar. (BORBA, 2002, p.320)

Conhecidos alguns conceitos dicionarizados do verbo, vejamos alguns usos que nos permitem desenhar uma escala de abstratização de *chegar* que vai de um sentido mais concreto a um sentido gramatical.

- (5) Sua alteza Real chegou ao Rio de Janeiro na noite de 15 do mesmo mês, e apresentou-se imediatamente no Theatro com uma legenda no braço esquerdo, que dizia: -Independência ou morte.
- (6) O Pedro chegou tarde ao emprego.
- (7) Angélica chegou ao topo da carreira quando comandou o programa Angel Mix na rede Globo.
- (8) Se deveras chegara nessa idade sem contacto com mulher, porém os sonhos o atiçavam, vivia mordido de impaciências curtas.
- (9) Este movimento nasceu antes da publicação do livro do general Spíndola... simplesmente, chegamos às mesmas conclusões.

Nas ocorrências (05) e (06), o verbo *chegar* apresenta um uso mais concreto, com complemento de direção *ao Rio de Janeiro* e *ao emprego*; em (07), o complemento *topo da carreira* pode ser interpretado como lugar virtual, o que o torna menos concreto que nas ocorrências (05) e (06); já em (08) observamos uma abstratização do uso de *chegar*, pois o complemento não indica noção espacial, mas temporal, *nessa idade*. Tempo, como vimos na escala de Heine; Claudi e Hünнемeyer (1991), é mais abstrato que espaço. Em (09), o complemento *às mesmas conclusões* é mais abstrato ainda, pois não exprime nem espaço, nem tempo, mas uma ideia.

Esses usos exemplificam o valor da metáfora como processo de inferência que leva as formas de um domínio para outro. Tal como Heine; Claudi e Hünнемeyer (1991) exemplificam a metáfora conceitual ESPAÇO É UM OBJETO, TEMPO É ESPAÇO, por meio de *go to*, exemplificamos a mesma metáfora por meio do verbo *chegar* na indicação de tempo (08).

Além desses usos, é comum encontrarmos o uso de *chegar* na indicação de limite numérico, como em (10) e (11), e com função de elemento gramatical com valor de conjunção consecutiva em (12):

- (10) Romário pode chegar aos mil gols hoje. Siga os estaduais ao vivo (EP).
- (11) Valor da compra da Varig pela Gol pode chegar a US\$320 milhões (EP).
- (12) Ela fez bolo de chocolate, mas não gostei do recheio... tava muito doce chega me deu dor de barriga. (EP)

Esses usos nos permitem traçar a seguinte escala de abstratização do verbo *chegar*:

Deslocamento espacial (físico real → deslocamento físico virtual) → deslocamento temporal → indicação de limite numérico → indicação de ideia → conjunção

Usos de *querer*

QUERER: V *[Ação] [±Compl: oração conjuncional] 1 julgar: Mesmo que a questão de saber se o arqueólogo escava coisas (como queria Spaulding) ou pessoas (como contrapôs Wheeler) ainda cause divergências no meio acadêmico... 2 exigir: Quero que me fale a verdade. (...) [Estado] 5 ter ou manifestar vontade firme e decidida: Ora, Coronel, quando o senhor quer, quer mesmo. 6 pretender obter, desejar ter ou reter: Será que ela quer mais elixir? (...) [Auxiliar] [~+verbo no infinitivo] 20 indica aspecto inceptivo: o cabelo já querendo branquear no escorrido da cara. (...) [Modalizador] [~+verbo no infinitivo] 21 indica iminência no tempo; prestes a: os olhos querendo pular para fora da órbita. (BORBA,2002, p.1310)

O verbo *querer* é considerado um verbo volitivo. A saber, os verbos volitivos são os verbos que expressam *vontade* e *desejo*. Acreditamos que o verbo, em questão, está em processo de gramaticalização, pois observamos a abstração de seus usos em nosso *corpus*. Em outras palavras, assim como observamos com os usos de *chegar*, os usos de *querer* estão passando de concretos para mais abstratos, pois estão perdendo a concretude semântica de sua característica de volição e passando a adquirir um sentido muitas vezes mais abstrato. No que tange ao aspecto sintático, *querer* está saindo da posição de verbo principal e assumindo uma função de verbo auxiliar. Quando está na posição de auxiliar adquire uma característica de aspecto e não de volição.

No uso mais concreto, o verbo *querer* corresponde a “desejar, julgar, ter vontade”. Sendo assim, espera-se que os argumentos que ocupam a função de sujeito tenham traços semânticos [+animado] e [+volição], como nas ocorrências de (13) a (16), extraídas de nosso *corpus*:

- (13) aí quando... aí teve um tempo que::... o meu tio passou perto da casa da gente e viu a gente... aí ele mostrou/ falou que aquele era nosso tio... não sei o que... tudinho... aí ele perguntou se a gente queria conhecer nossa mãe... tudo... aí tá a gente disse que queria conhecer... aí esperemo ela vim na colônia... aí ele foi e levou a gente lá na casa dela...aí conh/ conhecemo o resto dos parentes tudo.. (DM01-EP)³.
- (14) “ela disse “olha... se vocês... quiserem alguma coisa daqui...” (CS-DL)
- (15) “mas eu SOU de lá... eu já quero ir me embora pra lá...” (Ωm25-DL)
- (16) “A ta eu to querendo lembrar dessa presepada...” (CNS-CE)

Os argumentos ‘a gente’, ‘vocês’, ‘eu’ são sujeitos do verbo *querer*, respectivamente, nas ocorrências de (13) a (16). Esses argumentos semanticamente podem manifestar desejo (*a gente queria conhecer nossa mãe; se vocês quiserem alguma coisa*); vontade (*eu já quero ir me embora; tô querendo lembrar*), em outras palavras “podem” *querer*. Esses são os usos considerados mais concretos, prototípicos do verbo *querer*, estariam no ponto inicial de nossa escala de abstratização.

A ocorrência (17) é um bom exemplo de como o verbo começa a se abstratizar, verifiquem que o argumento ainda mantém o traço [+animado], mas não podemos dizer que o traço [+volição] é mantido, pois ninguém, em sua consciência, desejaria ficar gripado. O que o uso de *querer* parecer expressar é a iminência de uma ação ou estado.

- (17) “ele tá querendo ficar gripado” (CNS1- CE)

Em outro ponto da escala estariam os usos de (17) a (21):

- (18) “a lua ta querendo sair...” (CNS-CE)
- (19) A chuva tá querendo cair parece... (CNS-CE)
- (20) Vixi... amor... essa coleira não tá querendo mais muito atracar não... (CNS-CE)
- (21) Vixi...o gás tá querendo deixar a gente na mão amor... (CNS-CE)

³ EP- experiência pessoal.

Observem que os argumentos ‘lua’, ‘chuva’, ‘coleira’, ‘gás’ exercem função de sujeito, mas não apresentam os traços [+animado], [+volição], o que nos mostra que o verbo *querer* perdeu a restrição de selecionar argumentos. Essa perda indicia que o verbo se abstratizou de tal forma que é candidato à gramaticalização, saindo da escala de verbo lexical para auxiliar⁴.

Nas ocorrências apresentadas, defendemos a função de marcador de aspecto inceptivo do verbo *querer*. Em “a lua tá **querendo sair**”, “o gás tá **querendo deixar** a gente **na mão**”, fica claro o valor de início de ação expressa pelo outro verbo da construção.

Dessa forma, nossa escala de abstratização de *querer* poderia ser assim apresentada:

Desejar → ter vontade → julgar → valor iminencial → valor inceptivo

Usos de **resolver**

RESOLVER: V *[Ação-processo] [Compl: nome abstrato] 1 solucionar: Quero apenas que resolva essa situação (MO); * [Ação] [±Compl: sobre/quanto a+nome abstrato] 2 tomar decisão; deliberar: Ao governo compete resolver sobre os limites do território nacional (D). 3 decidir: Aquela idiota da Fonteyn resolveu, de uma hora para outra, dançar Gisele (BB). (...) *[Processo. Pronominal] 7 ter solução: Nesse momento, ação de um segundo, tudo se resolveu (OS) (...) *[Estado] 9 ser (boa) solução; adiantar: Ficar esperando não resolve nada. (BORBA, 2002, p.1372)

Assim como o verbo *querer*, *resolver* tem características de verbo volitivo. O uso que consideramos mais concreto é aquele cujo significado verbal corresponde a *solucionar* e tem por sujeito argumento semanticamente [+animado] e [+volição]. Vejamos as ocorrências abaixo:

- (22) Resolvi o problema de matemática em cinco minutos. (CNS – CE)
- (23) Está sem dinheiro? Nossa equipe resolve seu problema. (CNS – CE)
- (24) então só depois que a minha vó e as comadres dela resolveram construir uma igrejinha... que na verdade era uma caPEla de PALha... e um::: barracão assim do lado... (Mm32 – EP)

⁴ Não trataremos, neste artigo, sobre o processo de gramaticalização dos verbos em análise.

Fica claro que os argumentos ‘eu’, ‘equipe’ e ‘comadres’ apresentam os traços semânticos requeridos pelo verbo quando este tem significado de solucionar (22 e 23), tomar decisão (24), considerados aqui usos mais concretos de *resolver*, estando, portanto no ponto mais à esquerda da escala de abstratização do verbo em causa. Há, nesses casos, a presença do traço [+volição] nesses argumentos, pois percebemos que os sujeitos (*eu*, *equipe* e *comadres*) têm o poder de decisão, ou seja, resolvem, fazem, praticam, conscientemente, determinada ação, no caso das ocorrências: *resolver o problema*, *resolver seu problema*, *resolveram construir uma igreja*.

Tal atitude consciente não pode ser percebida nas ocorrências (25) e (26), embora o sujeito ainda mantenha o traço [+animado], já não mantém o traço [+volição], pois a interpretação dada às ocorrências não é a de que “Neymar” e “o melhor do mundo” conscientemente decidiram mudar sua maneira de jogar, mas a de que os sujeitos passaram a fazer bons lances na partida.

(25) O jogo estava morno, sem grandes lances, até que Neymar resolveu jogar (CNS3)

(26) “Ai de repente o melhor do mundo que estava desaparecido em campo resolveu acordar”. (CNS-TJ)⁵

Vejam que, embora seja possível, não acreditamos que a intenção do produtor do texto fosse dizer que, em (25), Neymar, por vontade própria, não estava jogando e, de repente, decidiu jogar; nem que, em (26), o melhor do mundo estivesse dormindo e, conscientemente, decidiu acordar. O que percebemos é o uso mais abstrato de *resolver*, totalmente possível considerando que, na língua, atuam fatores cognitivos, como a metáfora e a metonímia, responsáveis por novas funções de velhas formas na gramática.

A extensão semântica do verbo é a responsável por usos como os de (27), em que o sujeito “onça”, embora contenha o traço semântico [+animado], não contém o traço [+volição], pois a onça não tomou a decisão, conscientemente, de descer.

(27) depois de um certo tempo, a onça resolveu descer. (CNS4-TJ)

⁵ TJ: texto jornalístico.

Abstratização ainda maior ocorre nos usos (28) e (29), em que os argumentos com função de sujeito perdem os traços [+animado] e [+volição], deixando o verbo de restringir, assim como ocorreu com os verbos *chegar* e *querer* já apresentados neste texto, a seleção de argumentos.

(28) a garrafa de café resolveu não esquentar mais (CNS2 -CE)

(29) O carro resolveu quebrar (CNS2 -CE)

Ao que parece, nas ocorrências de (28) a (29), o verbo *resolver* tem valor aspectual marcando mudança de estado. Esse valor estaria localizado mais à direita da escala de abstratização de *resolver*.

Solucionar (mudança de estado com sujeito [+animado]) (mudança de estado com sujeito [-animado]).

Os diferentes usos apresentados tanto do verbo *chegar* quanto de *querer* e *resolver* nos mostram que o falante tem necessidade de expandir semanticamente as formas que a língua disponibiliza.

Para dar conta dessas necessidades, as gramáticas das línguas naturais não podem ser concebidas como estáticas e acabadas. O seu aspecto não-estável manifesta-se por meio da variação e da mudança. Assim, dizemos que a gramática está em um contínuo processo e que sua estrutura linguística apresenta uma relativa estabilidade, pois, sincronicamente, a gramática exhibe, de modo simultâneo, padrões regulares, rígidos, e padrões que não são completamente fixos, mas fluidos.

Em outras palavras, podemos dizer que, ao lado de padrões relativamente fixos e resistentes a alterações, há, na gramática, formas que tendem a assumir novas funções, padrões novos que se estabilizam, resultando numa reformulação da gramática. Isso ocorre porque as gramáticas adaptam-se às necessidades de expressão dos usuários. É a situação comunicativa que motiva, em parte, a estrutura da gramática.

Para Hopper & Thompson (1980), a gramática é modelada por uma gama de fatores cognitivos, sociais e interacionais envolvidos no uso real da linguagem. Para eles, as regularidades da gramática surgem devido a certas estratégias utilizadas pelos falantes no momento da interlocução.

Nesse sentido, a gramática é um sistema adaptativo em que forças motivadoras dos fenômenos externos, i.e., discursivas, penetram no domínio da língua e passam a interagir com forças organizadoras internas (estruturais), competindo e conciliando-se sistematicamente com elas (DU BOIS, 1987).

A gramática constrói-se, portanto, motivada por fatores comunicativos e cognitivos responsáveis por usos tais como os apresentados neste artigo.

Fechando as cortinas – considerações finais

Os usos dos verbos *chegar*, *querer* e *resolver* apresentados neste trabalho exemplificam a relação entre estruturas linguísticas e processos cognitivos, mostrando que gramática pode ser concebida como *a representação cognitiva da experiência de um indivíduo com a língua* (BYBEE, 2005, p.711).

As escalas de abstratização de cada verbo em causa, propostas em nossa análise, partem de usos mais concretos para mais abstratos, justificando nosso entendimento de que as noções gramaticais mais abstratas têm origem em conceitos mais concretos. Os pontos da escala constituem domínios de conceptualização importantes para expressar nossas experiências em termos cognitivos.

Cumprir repetir que a extensão de significado não se dá aleatoriamente, há motivações no discurso. Essas motivações, como vimos, são cognitivas e comunicativas, e são as responsáveis pela constituição da gramática.

Referências

BORBA, F. **Dicionário de usos do português do Brasil**. Ática, São Paulo: 2002.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDRA, R.; BRIAN, J. (orgs.). **Handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003a, p. 602-623.

BYBEE, J. Cognitive processes in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (ed.) **The new psychology of language**, vol. 2. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2003b. p. 145-67

BYBEE, J.. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Project MUSE* – **Scholarly journals** online, 2005, p. 711-30.

CUENCA, M.J.; HILFERTY, J. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Editora Ariel, S.A, 1997.

CASTILHO, A. A gramaticalização. **Revista de estudos lingüísticos e literários**, Salvador, UFBA, 25-64. 1997.

DU BOIS, J. Competing motivations. *In*: TOMLIN, R. **Coherence and Grounding in discourse**. Amsterdam: Benjamins, [1985].1987.

GIVON, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamin's, 1995.

HEINE, B; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Gramaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HENGEVELD, K. **The architecture of a functional discourse grammar**. Preliminary version. Amsterdam, 2000.

HOPPER, P. J. Emergent Grammar. **Berkeley Linguistic Society**. 1987.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. 1980. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**. **56**: 251-299.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E.C. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors; we live by**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1980.

MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. *In*: MARTELOTTA, M. E et alii (orgs.). **Manual de Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CESÁRIO, M. M. **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PENA-FERREIRA, E. **Gramaticalização e auxiliaridade**: um estudo pancrônico do verbo *chegar*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, 2007, 270 p.

PENA-FERREIRA, E.; LIMA-GOMES, Marcela (Organizadoras). **Corpus de textos orais do português santareno** – Vol 1 – setor 3/zona k, Santarém – Pará. Editora e Artesanato Gráfico Tiagão, 2010.

PENA-FERREIRA, E.; GARCIA, J. S.; LIMA, L. S. Quando querer não é desejar: um estudo do valor aspectual do verbo querer no português da Amazônia paraense. *In*: FERREIRA; A.M; BRASETE, M.F. **Pelos mares da língua portuguesa**. Universidade de Aveiro – PT, 2014.

SILVA, A.S.; TORRES, A. GONÇALVES, M. (orgs.). **Linguagem, cultura e cognição**: estudos de lingüística cognitiva. V.1. Almedina: Lisboa, 2004.

TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. *In*: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. **Approaches to grammaticalization. V.1**: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's, 1991.

VOTRE, S. Um paradigma para a lingüística funcional. *In*: MARTELOTTA, M.E. et al. **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1996. p.27 - 43.